

A visão do impossível: em 1957, Brasília existia apenas no desenho feito pelos traçadores no cerrado da Esplanada dos Ministérios e da praça dos três Poderes

Por que fazer uma capital no planalto?

Da 27 de outubro de 1957 caiu a primeira árvore no Planalto Central vítima da saga dos pioneiros que começaram a chegar, às levas, aquela região. Pouco mais de dois anos depois, ministros, diplomatas, parlamentares, autoridades — preocupados com poeira e desconforto, participavam da festa de inauguração da nova Capital do Brasil. Entre 27 de outubro de 1957 e 21 de abril de 1960 aconteceu algo de muito estranho neste país, sem paralelo na história, sem precedentes claros, sem razões nítidas.

Juscelino Kubitschek de Oliveira, em plena campanha eleitoral, foi interpelado durante comício que fazia em Jataí, interior de Goiás. "O senhor vai cumprir o dispositivo constitucional de mudar a Capital para o interior do país?", alguém lhe perguntou, sem rodeios. O candidato parou, refletiu diante da massa, e respondeu causando espanto a seus auxiliares. Assumia, ali, o compromisso não de transferir a Capital para Goiás mas de implantá-la no local mais indicado para aquele fim.

Começa neste momento simples e verdadeiro a estranha e mágica história que cerca a criação de Brasília. O candidato que se comprometeu quando interpelado em público — até então Brasília não figurava na plataforma de Juscelino — tornou-se presidente e realizou sua obra. Cumpriu a promessa. A Capital brotou no cerrado envolvida por lendas tão densas, dificuldades tão imensas que serão poucas e nada claras as verdadeiras explicações para sua construção.

Sem Rastro: Aconteceu um ato perfeito, um momento revelador, porque até hoje poucas pessoas podem dizer, sem emoção, porque, de fato, vieram para Brasília. Veja-se o Dr. Inezil Penna Marinho: Professor, bem situado na vida, morava no Arpoador, elegante praia carioca. Um dia arrumou as malas, todas as malas, e embarcou em direção à aventura. Com mulher e filhas. Não deixou rastro no Rio de Janeiro. Aqui fundou escolas, ajudou candangos, criou cursos de alfabetização. Por quê?

Por que deputados de uma UDN rançosa dissentiram do par-

tido e votaram a favor da criação de Brasília? Por que o deputado Osvaldo Lima Filho aceitou sem reclamar carregar colchões na cabeça para compor precariamente o apartamento que lhe foi cedido nos primeiros dias de funcionamento da Capital? Por que o Ministro Ribeiro da Costa — importante jurista brasileiro — consentava, candidamente, torneiras, fogões e aquecedores de seus vizinhos no prédio onde morava? (o ministro não cobrava nada, mas aceitava, por cortiço, uma gorjeta para a cervejinha).

Por que o presidente Juscelino Kubitschek visitava acampamentos a qualquer hora, sentava-se com candangos, discutia com eles, tomava umas e outras e dormia em barracas improvisadas? Por que Israel Pinheiro renunciou a seu mandato de deputado e transformou-se numa espécie de capataz desta fazenda muito especial? Algo de misterioso revestiu aquele momento especial, ilógico, mas gravado profundamente por uma firme determinação de fazer. Talvez o encontro daquilo que exista subjacente na personalidade nacional. O fato é que dois anos e seis meses depois de derrubada a primeira árvore, Brasília estava sendo inaugurada. E isso ocorreria a despeito da ação de adversários poderosos, como Carlos Lacerda, o líder de uma oposição ativíssima, e o Fundo Monetário Internacional, instituição que via nas supostas loucuras juscelinistas uma ação impensada, algo de irrefletido e quem sabe até de insensato.

Insensatez? Há muito de insensato, aparentemente insensato, na história da realização desta impressionante saga brasileira. Por que Brasília foi construída no Planalto Central? JK não assumiu este compromisso geográfico. Várias áreas foram visitadas pela Comissão Especial criada no Congresso para estudar o assunto. Ao final dos debates dois pontos foram definidos: Triângulo Mineiro e o Planalto Central. A Comissão era presidida por um mineiro, Benedito Valadares e tinha representantes de vários estados e de todos os partidos. Influenciou a topografia da região, mas prevaleceu a previsão feita em 1883 por D. Bosco.

O deputado Bento Gonçalves, que participou daquela Comissão lembra que as previsões de D. Bosco influenciaram muito as decisões. O padre havia pernoitado no local onde hoje está construída a ermida em sua homenagem e ali teve uma visão, a visão de uma cidade moderna onde correria o leite e o mel. Dizem que ali havia uma pedra com as inscrições. Ninguém viu esta pedra até hoje, mas ficaram a lenda e as visões do religioso que desciam a minúcia, detalhavam os paralelos entre os quais surgiria a nova civilização. O Triângulo Mineiro perdeu para D. Bosco.

Insensatez? E possível. Mas o que dizer de um urbanista que não tinha sequer escritório e que a guisa de projeto apresentou uma memória descritiva bem escrita, deliciosa, mas genérica, altiva, bonita e distante de qualquer coisa parecida com um projeto de arquitetura e urbanismo? A racionalidade norte-americana ou o legalismo udenista não poderiam mesmo suportar tal heresia. "Não pretensão competir e, na verdade, não concorro — apenas me desvenço de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu por assim dizer, já pronta".

Maquis do Urbanismo: "Compareço não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da idéia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor. E se procedo assim candidamente é porque me amparo num raciocínio igualmente simplório: se a sugestão é válida, estes dados conquanto sumários na sua aparência já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original ela foi, depois, intensamente pensada e resolvida; se o não é, a exclusão se fará mais rapidamente e não terei perdido o meu tempo nem tomado o tempo de ninguém". A poesia, a sinceridade e a inacreditável objetividade do texto de Lúcio Costa, à época um maquis do urbanismo, empolgaram a comissão julgadora de composição internacional. Ele venceu.

Venceu, como D. Bosco, com a visão religiosa. Brasília nasceu "do gesto primário de quem assinala

um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja o próprio sinal da cruz". O sebastianismo ganhou e a saga teve seu início, produto desta vaga noção religiosa misturada à sensibilidade de continuidade da história. Os fundadores do país já haviam pensado na interiorização da capital. O conselheiro de D. João VI, chanceler Veloso de Oliveira, disse em 1810 "que a corte não se deve fixar em algum porto marítimo, principalmente se ele for grande e de boas proporções para o comércio, mas em lugar são, ameno, aprazível, isento do troyel das gentes indistintamente acumuladas".

Os infidentes mineiros, em 1789, queriam a transferência da sede do governo para o interior. Em 1821 José Bonifácio de Andrada e Silva recomendou aos deputados paulistas nas cortes de Lisboa, "que se levante uma cidade central, no interior do Brasil, para assento da Corte ou Regência... dessa Corte Central dever-se-ão logo abrir estradas para as diversas províncias e portos de mar para que se comuniquem e circulem com toda a prontidão as ordens do Governo e se favoreça, por elas, o comércio interno do vasto Império do Brasil".

Base Constitucional: A Constituição provisória de 1890 faz menção ao assunto. A de 1891 determina que passa a pertencer à União uma área de 14 400 km² no Planalto Central para a construção da cidade. O texto constitucional de 34 e o de 37 fazem referências à mudança da capital. A de 1946 é extremamente objetiva em seu artigo 4º: A Capital da União será transferida para o Planalto Central do país.

§ 1º — Promulgado este ato, o presidente da República, dentro de sessenta dias, nomeará comissão de técnicos de reconhecido valor para proceder ao estudo da localização da nova Capital;

§ 2º — O estudo previsto no parágrafo anterior será encaminhado ao Congresso Nacional que deliberará a respeito em lei especial e estabelecerá o prazo de início da delimitação da área a ser incorporada ao domínio da União;

§ 3º — Findos os trabalhos demarcatórios, o Congresso Na-

cional resolverá sobre a data da mudança da Capital.

Havia, portanto, base constitucional para dar início ao trabalho de construir uma cidade, a nova Capital, em pleno cerrado, no Planalto Goiano.

Reacionários Irados: As grandes obras constituem novidade na política brasileira. Antes de JK aconteceram algumas poucas obras de grande vulto e todas elas — a exemplo a siderúrgica de Volta Redonda — entrou para a história como marco de alguma coisa.

Por que deputados da UDN votaram a favor de Brasília? Por que deputados carregaram colchões na cabeça? Por que?

Ninguém havia, contudo, se lançado à descoberta do oeste, na aventura de agregar um território desconhecido e, por fim de construir uma cidade. A saga brasileira aconteceu de maneira muito discreta, envolvida pela barulheira da oposição, pela mesquinhez da visão do FMI. Adversários do progresso, reacionários irados, conservadores indignados, estas pessoas ou grupos não conseguiram viver no seu tempo as possibilidades de um futuro próximo.

Brasília nasceu por assim dizer como obra de geração espontânea. Cercada por inimigos, não desprezou as forças que a combatiam, mas seus construtores não comemoraram como podiam a enorme vitória política. Os turnos de trabalho que se sucediam durante as 24 horas do dia explicam pouco a rapidez da construção. Há alguns truques, pequenas malandragens: JK instruiu seus executores de obra — para fazer em Brasília o supérfluo, "porque o essencial eles farão depois". De novo cabe a pergunta: Insensatez? Possível, mas sem este detalhe precioso, a nova

Capital correria o risco de ser hoje uma imensa e bem construída rede de água e esgotos sem a cidade por cima.

Havia esperteza também, e neste sentido a oposição do Fundo Monetário Internacional teve sua razão de ser. JK obteve recursos para objetivos determinados e os empregou dinheiro em Brasília. Uma pitada de malandragem, um pouco de jogo de corpo não fazem mal a ninguém. Mais que isso constituem ações que, mesmo secretamente, são aplaudidas pela sociedade. A herança de Macunaima, afinal de contas, está presente todos os dias e em várias circunstâncias na vida deste país. A união de muitas delas num momento em que os eixos da história se cruzaram pode, talvez, explicar Brasília, a suposta insensatez de seu criador e as loucuras políticas da época.

A época aliás era outra, o país era outro, os ventos políticos, econômicos e sociais eram outros. Terminou com Brasília um país chamado Brasil de cinquenta milhões de habitantes, a maioria deles nas zonas rurais. Acelerava-se a urbanização e começava a desaparecer o estado paternalista, em que a obtenção do emprego público era a aspiração maior dos poucos universitários de então. Brasília e tudo que esteve ligado a sua construção modifica a essência da situação brasileira. Indústrias novas, fluxo migratório em outra direção, a formidável expansão da economia paulista, o crescimento do empresariado, a entrada do capital estrangeiro em bases organizadas dentro do país.

Rubricão da História: A nova Capital despertou inimigos no Brasil de antes e curiosamente poucos, pouquíssimos, conseguiram atravessar o rubicão da história brasileira. Resta hoje uma nostalgia dos outros tempos, daqueles tempos de Panair, da Rádio Nacional, do dois para lá dois para cá. Aquele país, sem rede nacional de televisão, acabou e sem dúvida o marco da transição está aqui, no Planalto Central que se transformou, na previsão de JK "cérebro das altas decisões nacionais". JK venceu no longo prazo, anteviu o futuro "com fé inquebrantável". Brasília nasceu naquele momento, cercada de tantas contradições por um capricho da história. Insensatez, loucuras, macunaimas, tudo isto foi naquele momento a resultante de uma vontade muito grande, incoerente, de modificar em pouco tempo a face do país. Os reacionários, os conservadores, estes perderam.

A tradição brasileira é a de não tolerar alguns vencidos, mas de tolerar menos ainda os vencedores, aqueles que enxergaram antes o que aconteceria depois. Os vencidos vieram para Brasília e da cidade se aproveitaram. Os construtores, os idealizadores foram perseguidos e batidos pela compreensão estreita dos fenômenos da história. De JK, que durante longo tempo foi banido dos livros da história oficial, restou, como reabilitação tardia mas espetacular, o Memorial erguido em Brasília no ponto mais alto da cidade. A saga voltou-se contra o contemporâneo do futuro, porque neste país pior que fazer previsões é acertá-las.

Os Novos Monges: Num dia qualquer ao longo de 1958 uma equipe da Legião Brasileira de Assistência foi ao atelier do artista plástico peruano, Félix Barrenechea, no Rio de Janeiro. Havia interesse profissional no trabalho daquele artista, mas uma das senhoras, parente de Israel Pinheiro, falou sobre Brasília e interessou-se o peruano por aquele projeto. Dias depois, Barrenechea explicava a Israel sua idéia de criar um centro de artes nos Andes. Deu-se então o seguinte diálogo:

Israel Pinheiro — Por que o Senhor não faz isso em Brasília?

Barrenechea — Brasília? Onde fica isso?

Israel — Vamos ver amanhã. Você é meu convidado.

Barrenechea — A que horas?

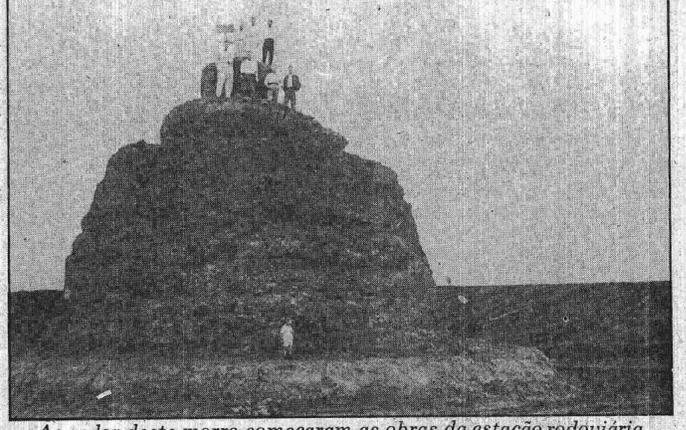
Israel — Esteja no aeroporto Santos Dumont às 5 da manhã.



Barrenechea: trocou os Andes por Brasília



Jaguaribe: trinta horas de ônibus



Ao redor deste morro começaram as obras da estação rodoviária

O artista veio, impressionou-se com a determinação dos candangos e desenvolveu sua aptidão: pintou e pintou. Tornou-se amigo de Israel Pinheiro a quem visitava no Rio de Janeiro e conversava sobre a construção de Brasília. E dele um dos raros depoimentos sobre o Israel Pinheiro gente, aquele que tinha medo de que a empreitada não desse certo. "Seu grande medo, diz Barrenechea, era de que Brasília viesse a ser uma cidade fantasma. Todas as manhãs Israel lia os jornais para saber o que diziam a respeito da nova capital. Fiz um retrato seu, e sozinho ele se mostrava preocupado deixando seus medos transparecerem".

Um dia veio o convite e numa tarde quente de outubro, Felix e a mulher desembarcaram em Brasília, esquecendo os sonhos de uma vida europeia e de criação do Centro de Artes nos Andes. "Foram três meses de chuva período em que não saímos do hotel. No Natal saímos da Cidade Livre, estávamos hospedados no hotel Umuarama, fomos até o Congresso Nacional, ainda em construção. Naquele dia tive uma imagem impressionante dos homens trabalhando com capas pretas para se protegerem da chuva num enorme buraco cavado na terra. Pareciam monges".

Felix Barrenechea fundou o centro de artes na praça 21 de abril na W/3 Sul. E ali desenvolveu seu trabalho, depois contratado pela Fundação Cultural. Naquela praça foi montada uma das primeiras árvores de Natal da cidade. Tão importante foi a promoção que o local passou a ser um ponto de encontro. "Como se fosse a praça da cidade, diz Felix. Tinha um alto-falante e as pessoas ficavam ouvindo música". Sua mulher, D. Lola, desceu aqui de vestido italiano e tinha a esperança de apenas um jipe desconfortável. Conseguiu, tempos depois montar uma biblioteca.

Incêndio das naus, mais ou menos no período em que Felix e Lola Barrenechea estavam isolados no hotel Umuarama, na Cidade Livre, chegou a Brasília outro personagem que o tempo tornou ligado a cidade e a saga da construção. Inezil Pena Marinho vendeu tudo no Rio de Janeiro. "Eu fiz como Cortez vendi tudo e incendiei as naus, para não voltar. Ele chegou aqui no dia 17 de dezembro de 1958. Chovia muito e tínhamos apartamentos reservados no Brasília Palace Hotel, recém inaugurado. "Era um hotel maravilhoso que ficava numa península inteiramente isolada. Não havia Lago. Dias depois me mudei para o hotel Santos Dumont na Cidade Livre, onde estava todo o comércio e toda a atividade da capital. O Plano Piloto era o canteiro de obras. O Congresso era, na

O Plano Piloto era o canteiro de obras. O Congresso um buraco imenso, parecia a cratera de um vulcão. Não havia lago

época, um buraco imenso, parecia a cratera de um vulcão. E no que é hoje a Esplanada dos Ministérios viam-se vigas de aço, porque as estruturas dos ministérios foram feitas e armadas com vigas de aço importadas dos EUA".

Penna Marinho montou o primeiro núcleo do Ministério da Educação na Cidade Livre, na Segunda Avenida. A primeira biblioteca pública também foi instalada lá, surgindo o primeiro núcleo cultural. Lá foi hasteada a bandeira brasileira diante de uma tropa de escoteiros. O objetivo imediato do serviço educacional era ensinar a ler os 94% de candangos analfabetos que vieram para Brasília. A tarefa era urgente porque os poucos alfabetizados cobravam para escrever cartas a parentes de analfabetos. Na biblioteca foi implantado um significativo "serviço de correspondência".

Ali no núcleo cultural, nome pomposo para um modestíssimo barracão na Segunda Avenida da Cidade Livre, surgiu o espaço para reuniões e encontros. Havia espaço, cadeiras, mesa, e um elemento muito importante, a máquina de escrever. Este dado essencial propiciou o surgimento das atas da fundação de instituições pioneiras. Federação Metropolitana de Futebol, Sociedade Hípica de Brasília, Clube de Regatas Guarã, Cota Mil, Iate Clube de Brasília. O

Instituto dos Advogados de Brasília — não existia ainda a Ordem, teve liturgia diferente. Sua ata de fundação foi escrita à mão, porque a máquina estava quebrada.

Pena Marinho foi também o primeiro presidente do Instituto dos Advogados de Brasília e foi ele o advogado que primeiro impetrou um mandado de segurança em Brasília. "Um empreiteiro comprou de um sargento da Aeronáutica os direitos de uma casa e lá se instalou com mulher e filhos. O major Assis, o comandante da Base, quando soube do negócio pegou uma tropa de choque e foi até lá e botou todo mundo na rua. Eu impetrei o mandado de segurança contra o comandante da Base e levei em mãos para o juiz despachar na comarca de Cristalina. Esse processo tinha que ser tombado no cartório de Formosa, mais de 300 quilômetros pelas estradas da época, todas de terra. Ganhei a questão e acho muita graça hoje quando vejo advogados reclamando por terem que ir a Taguatinga".

Longa viagem; antes, bem antes do artista peruano ou do Dr. Inezil Pena Marinho tornarem-se entusiastas da ideia de Brasília, um jovem engenheiro já havia desembarcado no Planalto Central. Silvio Jaguaribe chegou no dia 15 de fevereiro de 1957, depois de viajar do Rio até Goiânia por avião. Da capital de Goiás até o canteiro de obras da futura capital veio de ônibus numa viagem de trinta horas, vários atoleiros e um pernoite na Cidade Eclética. Recém formado em engenharia civil na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos 24 anos de idade, sozinho, percebeu na aventura sua grande oportunidade.

Silvio Jaguaribe foi o engenheiro responsável pela construção do primeiro acampamento da Novacap no Planalto Central. E o local hoje denominado Veliacap. "Além do acampamento, fui encarregado de montar e serrar as primeiras colunas e serraria construídas aqui. Fui morar numa daquelas casas juntamente com os pioneiros, Dr. Bessa, Dr. Travassos e Carlindo. Época boa quando a alimentação era na base do barracão do SAPS que dava para matar a fome sem matar ninguém".

Era uma época de muito trabalho e pouca diversão. A diversão aliás era o próprio trabalho naquele longínquo 1957. "Aos poucos, lembra Jaguaribe, do núcleo-base foi nascendo a Cidade Livre e a distração passou a ser as inaugurações de bares com cerveja e refrigerantes gelados. Depois começaram a surgir os seresteiros. Naquela vida de muito trabalho e boas amizades não existiam dificuldades e jamais pensei em desistir". Quem chegou pouco depois, como Roosevelt Nader, em maio de 1958, já carregava a ideologia do desenvolvimento: "Sempre admirei a ideia do presidente Juscelino em construir a Nova Capital. Daí admirar e louvar suas iniciativas e a coragem em se lançar de corpo e alma ao fabuloso empreendimento que surpreendeu o mundo".

Pernambuco do Pandeiro; depoimentos de pessoas que trabalharam no governo da época, ou daqueles como o pintor peruano que se entusiasma pelo pioneirismo da ideia, explicam algo da vontade que brotou em algumas pessoas em devassar o planalto inexplorado. Mas que dizer de um músico, Inácio Pinheiro Sobrinho, Pernambuco do Pandeiro que chegou a Brasília em 1959? Aquele coquetel de ideias insensatas colecionadas pelos inimigos da cidade, o músico pode acrescentar mais uma. Ele era integrante do conjunto que tocava nos aniversários de JK. Veio parar em Brasília por vontade própria trazendo gente boa em sua companhia. Hermeto Pascoal (acordeon), Escurelino da Flauta, Jorge da Silva (violão de sete cordas), Darli Louza (violão de seis cordas) e Gaspar do cavaquinho.

Pernambuco do Pandeiro, deixou a Rádio Mauá, no Rio de Janeiro e transferiu-se para a Rádio Nacional de Brasília com bilhete assinado por JK. O contrato em Brasília não deu certo, a emissora rejeitou o compromisso e o conjunto desfez-se. Pernambuco do Pandeiro transformou-se em funcionário do governo do Distrito Federal e ficou aqui. Hoje pontifica no Clube do Choro, nostálgico daqueles tempos, lembrando a época gloriosa de excursões à Europa e vivendo dos proventos da aposentadoria.

Troca da Vogal; o caminho percorrido pelos personagens desta saga muito especial não foi fácil. Além da poeira, do barro, da lama e do desconforto aconteceram problemas como o do Pernambuco do Pandeiro. Ou, em outro plano, o

estranho topógrafo contratado pela Novacap. Silvio Jaguaribe que trabalhou na construção do Catetinho lembra que ele utilizou este funcionário recém-contratado para fazer o nivelamento de uma nascente d'água e de um pequeno córrego visando saber se este tinha condições de abastecer o prédio. Depois de três dias dentro da mata, o funcionário retornou com a informação de que o córrego subia e descia, fazia curvas mas ele não garantia se o riacho poderia abastecer o Catetinho. Surpreso, o engenheiro chamou-lhe a atenção pela demora e lembrou que córrego não sobe. Ao que o novo funcionário respondeu: "Não tenho culpa, pedi um emprego de tipógrafo e me contrataram como topógrafo".

Aconteceram vários episódios como este, porque a pressa e dos problemas políticos da época não permitiram organização suavia no caminho do projeto. O Dr. Carlos Florentino, por exemplo, não acreditava em Brasília. "Quando olhei o imenso canteiro de obras que era isso aqui pensei daqui a vinte anos veremos as ruínas de São Miguel". Ele tinha essa opinião quando chegou aqui, em 1958.

Eu tinha comprado uma lata de biscoitos e passava o dia inteiro lendo o rótulo. Os operários pensavam que eu estava mal

para tratar de um surto de tuberculose entre os operários. Mora na cidade até hoje.

Florentino teve suas razões para sofrer o trauma da chegada. Desembarcou em Brasília num feriado. "Fiquei perdido no aeroporto, não havia ninguém me esperando. Duas horas depois apareceu um caminhão FNM para nos apanhar — resolvi trazer minha mulher comigo, embora todos considerassem loucura. Ela ficou chocada, pois estava de vestido branco, luvas e chapéu e teve que viajar em pé num caminhão pelo meio do barro. Não era exatamente isto que ela esperava".

O trauma teve suas recompensas, tímidas embora dada a precariedade da época. Numa tarde oito carpinteiros construíram o barracão que se transformou na residência dos Florentinos. E começou a trabalhar de pesquisador de tuberculose. "A Ordem de Ernesto Silva era mandar de volta para casa quem estivesse muito doente. Mas os operários não queriam voltar. Afinal eles tentavam vida nova e não queriam voltar doentes e sem dinheiro. Foi aí que surgiu a ideia de construir o sanatório. Só depois é que fizemos um ambulatório. Foi um trabalho bonito. Todos ajudavam. Um aplicava injeção no outro e o trabalho tornou-se mais fácil e gratificante".

Morando no Jipe: Victor Pereira veio para Brasília em 1957. Deixou a família em Goiânia e veio trabalhar na indústria de britagem, depois montou uma fábrica de adubo orgânico, hoje é dono de posto de gasolina. Ele veio porque seu vizinho Bernardo Sayão recomendou-lhe. "Nunca votei em JK porém admirava suas ideias. Não sou homem ambicioso, mas sou patriota. Por isso fui pioneiro".

Ele organizou a exploração da primeira pedreira de Brasília. Na época morava dentro de um jipe "já imaginou um homem de um metro e oitenta dormindo num jipe? Mas tinha que ser quando não me ofereciam lugar para dormir". "A Torre de Tv, a Esplanada dos Ministérios, a Rodoviária, tudo isso foi construído com calcário de nossa pedreira. Era uma loucura. Quando chovia não podíamos sair de lá, pois a estrada ficava intransitável".

"Certa vez choveu torrencialmente durante vários dias, conta Victor Pereira. Tive que ficar sediado lá. Eu estava ficando meio maluco. Um lugar daqueles perdido no meio de cerrado, sem ter o que ler e ouvir e ainda na companhia de 250 homens. Eu tinha comprado uma lata de bolachas e passava o dia inteiro lendo o pacote de biscoito. "Biscoto Maria, indústria brasileira, fabricado em... Me deu uma raiva joguei a lata na chuva e sai para conversar no mato. Os operários pensavam que eu estava mal. Quando minha mulher veio me visitar eles pediram pra ela me levar pois pensavam que eu estava meio aturdido, falando sozinho. Agora veja, eu descendente de italiano, falador, adorando uma farra, preso naquela

pedreira. Tinha que falar sozinho. Mas nunca pensei em desistir".

Fascínio pela Injeção: E aquelas injeções solidárias que despertaram tanta curiosidade no Dr. Florentino? além da solidariedade provocaram uma reação que o médico encarregado de prevenir e curar tuberculosos talvez jamais tenha desconfiado. Victor Pereira lembra que os candangos ganhavam "um bom dinheiro". Parte mandavam para a família. "O que sobrava era para comprar bobagem. Teve um operário que não tendo com que gastar dinheiro, resolveu comprar uma injeção. Queria ver se era bom". Mas quando sobrava muito dinheiro o candango comprava óculos escuros, sapato novo, terno branco, rádio de pilha e chapéu. Nesta altura, Pereira já sabia. Era um candango que se preparava para retornar. "Não dava outra. Ele voltava para sua terra".

O desespero de Victor Pereira na sua pedreira isolada no cerrado assaltou outras pessoas. A primeira prostituta que aportou na Cidade Livre no início de 1958 pensou em mudar de ramo. Há o testemunho de pessoas que assistiram o incidente. "Ela veio de Anápolis e entregou-se ao primeiro macho felizardo. Depois a outro e mais outro. Mas a notícia correu e foi uma loucura. Uns cem homens vieram no rastro da mulher. E o que se iniciou consentidamente, transformou-se em corrida. Foi necessário que defendessem a mulher, a colocassem dentro de um caminhão cercado por homens armados durante toda a noite. Dia seguinte mandaram-na de volta para Anápolis".

Problemas como este não abalaram a confiança de alguns como José Cornélio Pimenta. "Eu me ofereci para trabalhar em Brasília. Cheguei aqui em junho de 1957 e minha família, mulher e cin-

co filhos vieram em setembro. Morou em acampamento até 1960 — quando segundo todos os depoimentos mudou tudo no Planalto Central. A capital começava a existir. Até aquele ano, no entanto, as pessoas eram movidas por emoção".

"JK era um homem espetacular, diz José Cornélio Pimenta. Líder absoluto, com apenas um sorriso transmitia suas ordens e eram todas cumpridas com prazer, mesmo que exigissem sacrifícios. Parece que Deus o iluminou na escolha de seus auxiliares. Como dádiva especial, entre eles estava o Dr. Israel Pinheiro, homem de energia e dignidade a toda prova. Seu aspecto sisudo e rude escondia simplicidade e humildade. Nós tínhamos absoluta confiança nele. Ele nos dava total cobertura, tanto nos acertos quanto nos erros, desde que estes não fossem cometidos de má-fé".

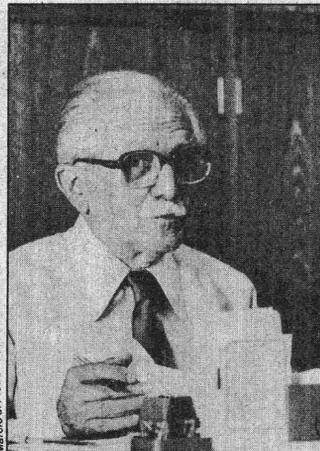


A BRAZÍLIA IMÓVEIS E COMÉRCIO S/A irmana-se ao júbilo da população de Brasília por motivo da inauguração do Memorial JK que consagrará a imortalidade do grande construtor desta cidade símbolo da aspiração de grandeza da nação brasileira.

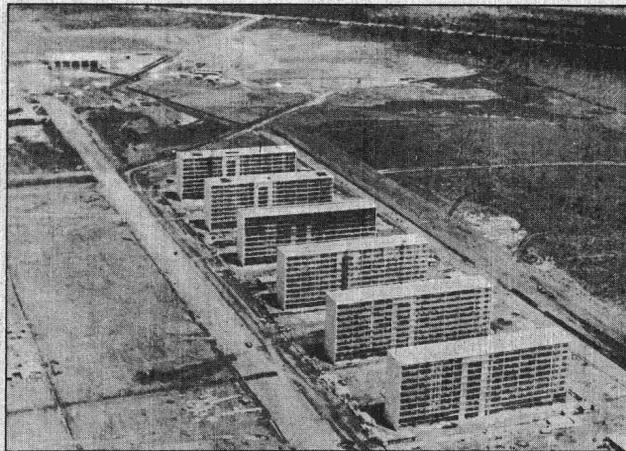
BRAZÍLIA IMÓVEIS E COMÉRCIO
A Imobiliária dos bons terrenos. E bons prêmios
SCS. Ed. Carioca, 5ª andar Fones: 224-5211 e 224-1951



Sully Alves de Souza (E) e Irineu Joffily: soluções jurídicas



Queiroz: a paz em Brasília



No início de 59, a Esplanada dos Ministérios começava existir

Aquilo que se chamou espírito de Brasília apareceu como dado importante na convivência da época. "A vida de modo geral era ótima, a camaradagem entre os companheiros de trabalho era contagiante. Auxiliávamos uns aos outros como se irmãos fôssemos. Trabalhávamos intensamente como se a obra que estávamos realizando fosse de nossa propriedade. Várias noites passamos com os operários nos cerrados de Brasília, apenas para dar apoio moral. Muitas vezes por necessidade de serviço tínhamos que acordar os operários de madrugada e éramos recebidos com grande carinho e disposição para o trabalho urgente", diz José Cornélio Pimenta.

Luis Lira, dono da churrascaria do Lago, lembra que muitas vezes ligou para o aeroporto pedindo que retivessem o avião uns minutinhos. "e quando eu chegava lá eles estavam esperando. Eu viajava muito mas o movimento da churrascaria era intenso, por isso nunca, chegava na hora do avião. Mas era só ligar que eles esperavam. A Panair, companhia que atuava em Brasília, era uma ótima empresa e deu grande apoio à construção da cidade".

A solidariedade apareceu de outra forma para Luis Lira que

aqui chegou em 1959. Um dia de chuva intensa e ventos fortes derrubou parte do telhado de sua churrascaria. As folhas de alumínio fizeram muito barulho e houve pânico. Mulheres gritando, crianças chorando. Mas naquele momento almoçava no restaurante uma equipe de engenheiros da Novacap que largaram a comida no prato e providenciaram o conserto. Pouco tempo depois, serenados os ânimos, chegou um caminhão com pessoal e material e na mesma tarde foi tudo reconstruído.

O espírito de aventura caracteriza quase todos os depoimentos. Poucos entre os pioneiros enriqueceram em Brasília. Quem veio ganhar dinheiro, fazer fortuna no planalto central, retornou logo a sua cidade. Outros pensaram um pouco mais longe e ficaram. Quem era classe média continuou classe média, quem era candango continuou candango, mas alguns dentre eles conseguiram transformar-se em funcionários públicos. Outros fizeram fortuna e aqui ficaram como Antônio Venâncio da Silva, o cearense que deu certo no Planalto Central. Esquizofrenia; mas o desejo da aventura não aconteceu sozinho. JK concedeu benefícios e vantagens aos funcionários públicos. Israel Pinheiro que temia construir uma cidade fantasma incentivou quem pode a vir para Brasília, até mesmo um artista peruano a fundar aqui uma escola de artes.

Irineu Joffily, pioneiro dos primeiros momentos tem visão pragmática do desejo de participar na construção de Brasília. "JK era o único que tinha interesse vital e compreensão do que seria Brasília. No meu entender Juscelino foi uma das únicas pessoas que visualizou o que seria Brasília. Juscelino e o candango. O intermediário, não. Nós, não. A maioria de nós veio aqui porque o salário era muito melhor com a dobradinha. Outros vinham por motivos pessoais. Quantas vezes tive que afastar esses outros motivos. Brasília não cria esquizofrênicos, mas também não os cura. E disse várias vezes a interessados: não me venha com seu desajuste familiar querer se transferir para Brasília, que não vai resolvê-los".

Mas os desajustes familiares, Joffily concorda, não constituíram peso muito grande na massa de transferidos, no entanto, os funcionários não acreditavam no futuro do empreendimento de JK. "A ideologia por Brasília não era dominante. A minoria tinha esta idéia. A maior parte das pessoas vinha sem acreditar. Poucos acreditavam. São Paulo não acreditava". Há uma linha divisória no raciocínio de Irineu Joffily, porque todos aqueles que conheceram JK ou Israel Pinheiro ou alguém próximo deles falam de um incontestado entusiasmo com a idéia da mudança.

Veja-se que Inezil Pena Marinho trabalhava na divisão de educação física do Ministério da Educação e foi encarregado pelo então ministro Clóvis Salgado de apresentar um projeto de alfabetização dos candangos. Até aí tratava-se de estudo burocrático e técnico, nada que envolvesse a transferência para Brasília. Pena Marinho conta: "Quando estive com Juscelino ele me entusiasmou com seu ideal,

Solução para a dor de barriga causada pela comida. O dono do restaurante passou a colocar remédio no feijão

fiquei de tal maneira contagiado com a idéia de vir que trouxe minha mulher a Brasília para conhecer a cidade. Ela achou fascinante".

A crônica social: O fascínio exerceu-se de várias formas. O trabalho desenvolvido para alfabetizar candangos, que contou com a ajuda desinteressada de Talita de Abreu, a Katucha. Foi ela quem tempos depois organizou os primeiros jantares dançantes do

Brasília Palace Hotel. "Os convidados, lembra Pena Marinho, só poderiam entrar de gravata, mesmo que tivessem as botas sujas de lama. Só de gravata, mas ninguém tinha gravata. Todos iam comprar para entrar na festa e depois conferiam na coluna da Talita. Ela foi uma das responsáveis pela humanização de Brasília. Sair na coluna da Talita era um fato notável".

Carlos Florentino, que não acreditava em Brasília, viu-se diante de um desafio. Mário Pinotti, ministro da Saúde, precisava de um fisiologista urgente para Brasília. Florentino, convidado, foi ao encontro do Ministro, todo de branco, engomado e elegante. Foi vetado na hora. "Não serve. Brasília precisa de gente rude, que agente trabalho duro, a poeira". O médico argumentou que vivia em cidade grande e sua aparência não significava que não aguentaria o trabalho. Florentino veio com a expressão recomendação de permanecer apenas três meses nas obras da nova capital. Ficou até hoje.

"Para o Brasil, Brasília representava a transformação e para mim era a simples aventura", afirma Walter Cruz, advogado da Novacap e assistente social. "A primeira impressão que se tem dos pioneiros é o despojamento que tomou conta de suas mentes. Segunda, a euforia que os trouxe para o centro do Brasil sentindo que essa seria a melhor maneira de modificar o velho país. "Vim para ficar e fui considerado doido pelos parentes e amigos. Já era casado, formado em assistência social e trabalhava no Rio de Janeiro, minha cidade natal".

Descanso Final: Dellrio confessado é o de João Queiroz, pernambucano que tinha 54 anos em 1958, época em que era proprietário de uma firma de material de construção no Rio de Janeiro. Ele disse que iria morrer aos 60 anos. "me cansei dos operários no Rio, me cansei daquela vida. Resolvi procurar a paz em Brasília. Minha família achava que eu tinha enfeitado de vez". Em 1958 apareceu a oportunidade de mudar e Queiroz organizou uma empresa para plantar eucaliptos ao redor de Brasília. "Plantamos mais de dois milhões de mudas em volta da cidade formando a cortina de árvores que seria o divisor de águas, a faixa sanitária preservando a cidade da poluição. Depois disto fui distribuir cimento para a construção da cidade.

João Queiroz, hoje com 77 anos continua absolutamente vivo e trabalhando. Acha que as mulheres tiveram papel destacado naquele período. "Foram grandes, verdadeiras heroínas. Elas dirigiam caminhões, ajudavam a gente. Mas quem falasse mal de JK estava arriscado a morrer. Os operários o consideravam seu ídolo. Ele sabia o nome de cada funcionário". Havia outros ingredientes nesta salada mista à brasileira. Ainda é João Queiroz quem lembra: "As boates e cabarês viviam repletas de gente, todos andavam armados, vestidos com botas e chapéu. Um verdadeiro faroeste. E a comida era péssima, depois de cada refeição tínhamos que tomar leite ou coelhada para desintoxicar".

Os métodos de desintoxicação variaram com a extensão dos problemas ocasionados pela comida. O Dr. Edson Porto, jovem médico goiano que veio para Brasília em 1957, percebeu em seu cargo de diretor do hospital JKO que os casos de desintoxicação eram comuns naquele gigantesco canteiro de Obras. O Enterovioformio era o remédio aplicado às situações comuns que se repetiam com enorme frequência. Subitamente o Dr. Porto percebeu que os pacientes de determinada construção sofriam menos daquela doença que os outros, o que desmentia a sua teoria de que a dor de barriga tinha origem na água.

Remédio no feijão: Edson Porto notou, ainda, outra particularidade. Todas as farmácias de Brasília não possuíam mais Enterovioformio para vender. Foi encontrar o remédio em Luziânia, a assim mesmo uma sobra do estoque, porque o mesmo senhor alto e magro que comprara o medicamento nas farmácias de Brasília havia estendido sua ação até aquela cidade. O médico descobriu sem muito trabalho que o comprador de estoques avassaladores era o dono do restaurante onde o índice de desintoxicação havia baixado. Foi tudo muito simples: ele próprio, dono do restaurante, havia se consultado com Edson Porto e descobriu a dosagem do remédio para cada pessoa. A partir daí fez

seus cálculos e passou a adicionar Enterovioformio ao feijão.

Situações insólitas como esta fizeram parte da vida daquele aglomerado de aventureiros, comandados por um presidente da República absolutamente heterodoxo. Tão fora dos padrões que recebeu, certa feita, os presidentes dos institutos de previdência responsáveis pela construção dos primeiros apartamentos de Brasília às 19:30 hs de um dia normal no Palácio Laranjeiras comendo um sanduiche. Ofereceu a cada um dos presentes um pedaço. Como ninguém aceitou, mastigou gostosamente seu sanduiche tendo o cuidado de lembrar que não havia almoçado.

Juscelino Kubitschek cobrava daqueles senhores, naquela noite, a solução jurídica para apressar a construção dos imóveis em Brasília. Havia uma série de impedimentos formais e o maior deles era quase intransponível: como realizar concorrências públicas num local a mais de mil quilômetros do Rio de Janeiro, com precárias condições de comunicação? Quais seriam os critérios para as concorrências? Como aferir a credibilidade de empresas que teriam, antes de iniciar as obras, que montar equipamentos, transferir pessoal, equipamentos e fazer pesados investimentos? Como fazer tudo isto dentro do prazo previsto? JK jamais admitiu conversar sobre outra data que não 21 de abril de 1960.

Heterodoxia: A solução foi dada por um advogado que estava ao lado do então presidente do IAPI, José Raimundo Sully Alves de Souza foi de parecer que o presidente da República deveria declarar de alta prioridade a construção de Brasília, com o que concordou o Ministro Parsifal Barroso. Assim, os institutos estariam desobrigados de realizar concorrências públicas naquelas obras, enquanto as condições locais aconselhassem a simples tomada de preços, tudo de modo a que fossem admitidas firmas que não necessassem um mínimo de garantia da execução e do projeto. E nos

Nos bailes, a gravata era obrigatória. Todo mundo obedecia. Íamos de terno, gravata e botas suja de lama

casos de compra de material, os engenheiros informariam sobre a sua qualidade, seu preço a possibilidade de realizar, ou não concorrência.

Por força desse entendimento, em 1958, o Ministro Parsifal Barroso pôde pernitar num apartamento do bloco de número cinco na superquadra sul 105 em meio a uma obra inconclusa. E a noite participar de um jantar na cantina de madeira cuja prato principal foi um filé de hadock, servido por garçons a caráter, tudo trazido do Rio. O orador daquela noite foi o advogado Sully Alves de Souza, convicto mudancista, que fez um discurso traduzindo o entusiasmo de engenheiro e funcionários ali presentes. Insensatez? Mais uma vez cabe a pergunta. Pode ser que sim, pode ser que não. Mas a solução sugerida pelo advogado para a emergência vinha acompanhada de outra providência. Nenhuma empreiteira ganhava mais de três blocos de apartamentos, dividindo, assim os riscos de uma eventual paralisação. O primeiro caminhão de areia que chegou à obra da 105 Sul vinha do Rio Corumbá; o engenheiro atestou que a areia era boa, o preço normal dadas as circunstâncias e a impossibilidade de efetuar concorrência para adquirir aquele material. A areia custou 200 cruzeiros e o transporte igual quantidade. No total, 400 cruzeiros por caminhão de areia.

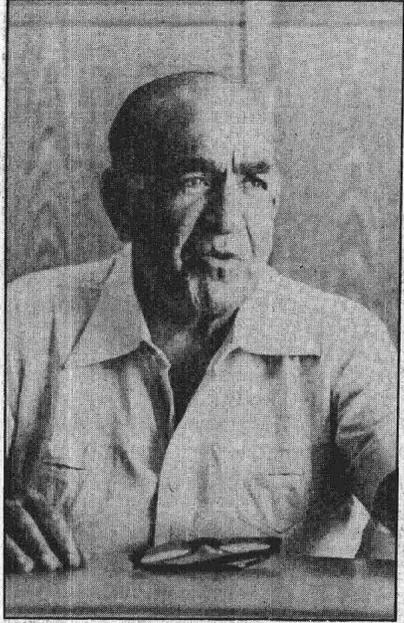
Em 1958 foi determinado aos Institutos que pagassem a Novacap 35 mil cruzeiros por quadra adquirida com direito a onze "projeções", neologismo arquitetônico para significar lotes onde surgiriam os edifícios. O preço foi pago pelos Institutos sem o lavramento das escrituras que vieram depois com um detalhe: Israel Pinheiro não admitia a compra e venda dos terrenos destinados a garagem, para o que os advogados procuraram solução especial.

Como Poderei Viver sem a Tua Companhia?

Com muita emoção, vemos a memória de JK lá em cima. Mais perto do céu de sua cidade.

Esta é a mais justa homenagem que Brasília poderia fazer ao seu idealizador e realizador. Nós, que nascemos nos tempos pioneiros, no esforço de acreditar e crescer pela esperança da nova Capital, sabemos a dimensão de JK no coração da cidade. Sabemos como é difícil viver sem a sua companhia. Que este Memorial nos traga um pouco mais de sua presença e a força de seu entusiasmo.

GRUPO PLANALTO
Automóveis - Trânsito - Motores - Consórcio



Nader: movido a idealismo

ons tempos aqueles em que ainda se podia sonhar. Em outra reunião com presidentes dos institutos, as 7:30 hs da manhã, no Palácio Rio Negro em Petrópolis, JK tendo nas mãos uma sinopse do andamento das obras em Brasília cobrava, pessoal e diretamente, os problemas de cada uma das construções aos presidentes dos Institutos. A obra da 104 Sul, construída pela CAFESP (Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados no Serviço Público), estava muito atrasada. JK não hesitou: «Por que este atraso, presidente?», perguntou ao representante daquele órgão. «Porque a madeira que vinha do Paraná está retida num entroncamento ferroviário», respondeu o presidente da CAFESP. Juscelino pegou o telefone, na frente de todos, ligou para o diretor da Rede Ferroviária e exigiu explicações. Fez mais: deu 24 horas de prazo para que o problema fosse solucionado. E foi.

Realizar: o espírito de Brasília, o desejo da aventura, mesclado à oportunidade de ascender na escala social, teve o suporte daquele ingrediente especial, a formidável determinação do presidente da República. Pode-se falar em determinismo histórico, da chance de se cruzarem naquele instante linhas de possibilidade e oportunidade. Pode-se alegar loucura, insensatez, delírio, mas JK construiu rindo, brincando, dançando. Fez, comendo sanduíches em reuniões, conversando com candangos, exigindo dos burocratas. Realizou.

Por volta de 1959 as obras entraram no ponto crítico e algumas cumeieiras começaram a ser testadas. Uma das primeiras concorrências foi realizada para a construção de dois blocos na superquadra sul 409/410. Mas JK conseguiu esta mobilidade porque fez um acordo político-partidário que lhe deu sustentação. Ele, um símbolo do PSD, entregou os institutos de previdência ao PTB e conseguiu que a UDN votasse favoravelmente a constituição da Novacap quando garantiu aquele partido lugar na diretoria da empresa. Mas há quem diga que o apoio da UDN decorreu do ceticismo daquele partido. Alguns líderes udenistas entendiam que podiam aprovar qualquer proposta do presidente da República porque Brasília não seria construída no prazo de três anos.

A Política: «Brasília está esquecida, solapada, abandonada. E não se tenha a ousadia de afirmar a existência de plano para consolidá-la» (Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito, em outubro de 1964, da Câmara, sobre Brasília. O relator foi o então deputado Breno da Silveira).

A decisão de construir Brasília, cercada e envolvida pela magia, misticismo e a determinação de fazer, brotou, também, da enorme capacidade política da coligação PSD/PTB e da assessoria do presidente Juscelino Kubitschek. A oposição, representada pelo deputado Carlos Lacerda, líder da UDN, moveu todas as peças à sua disposição para impedir que a capital saísse do Rio. Os adversários de Brasília, da mudança e de JK, persistiram na sua ação contra a nova capital. Os antimudancistas somente convenceram-se da

realidade depois de 1964. O deputado Jorge Furtado Leite, que pertencia aos quadros da UDN conta ter participado de uma reunião, logo após a Revolução que varou a madrugada. Discutiu-se o destino de Brasília. Ele diz: «O então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, desejava que a Capital retornasse para o Rio. Os líderes mineiros achavam que Belo Horizonte era um local mais apropriado. E o presidente da Câmara, Ranieri Mazili, procurou demonstrar ao presidente Castello Branco que a capital ficaria melhor instalada em São Paulo, onde já havia a infra-estrutura necessária».

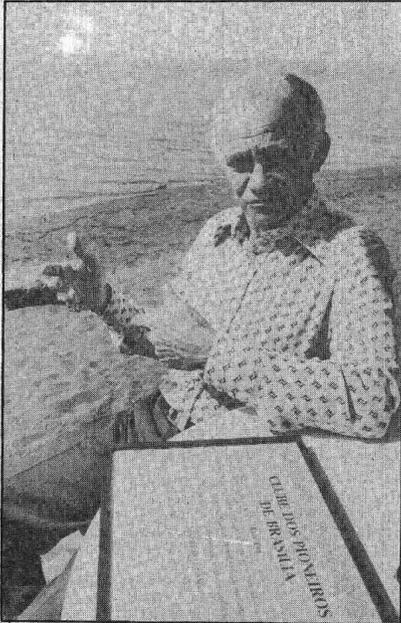
«Foi o presidente Castello Branco quem deu o golpe final nos antimudancistas. Ao término daquela reunião de tantas horas, noite adentro, ele decidiu que a capital federal ficaria onde estava, isto é no Planalto Central e o Congresso Nacional seria reaberto». Acabou neste gesto do presidente da República o último capítulo da guerra sem tréguas movida contra os adversários da mudança da capital. O próprio deputado Jorge Furtado Leite, que hoje reconsiderou sua posição, foi adversário da transferência.

O Congresso traduziu uma aspiração nacional e não um capricho do presidente. Vivíamos a plenitude da vida democrática

«Acho que o país pagou um preço muito alto pela mudança da capital, mas compensou e valeu a pena, apesar do sofrimento. Os deputados se deslocaram para vegetar, num ambiente totalmente desfavorável ao político. Mas hoje Brasília, com toda essa costa de sacrifício, orgulha o povo brasileiro. Mudei de posição porque achava que a época não havia condições para realizar a transferência. Achava que o projeto de Juscelino deveria levar uns dez anos para ser implantado».

O deputado tinha razões particulares para manter uma imagem desfavorável de Brasília. «Na minha primeira visita a Brasília com outros deputados, fui recebido de trator para tráfegar no lamaçal perto da Rodoviária. O trator puxava a nossa camioneta para chegar ao Catetinho onde iam almoçar e ser recebidos por Israel Pinheiro. O Congresso veio para cá dia 21 de abril de 1960. O Executivo não passou por este problema, pois os ministros vinham uma vez por mês. O presidente passava aqui em visita e ficava o dia inteiro no Palácio, mas com o avião pronto para retornar ao Rio».

Frustração: O senador Luis Cavalcanti, ao contrário de Jorge Furtado Leite, lamenta não ter podido participar do debate em torno da mudança da capital federal: «Minha maior frustração foi não ter participado do bloco de deputados mudancistas que dis-



Lira: churrasco pioneiro

cutiram a transferência da capital para Brasília. Sou da legislatura de 1959, eleito pelo PSD, e quando tomei posse os grandes debates já haviam sido concluídos. Mas votaria a favor da mudança e logo após a minha posse me associei ao grupo mudancista liderado pelos colegas Bento Gonçalves e Emival Caiado».

Há depoimentos importantes de quem foi favorável à ideia, relegando à plano secundário as dificuldades da primeira hora.

Senador José Guimar: «Sempre fui favorável à construção de Brasília. Sem dúvida o progresso chegou para esta região. Também concordo hoje que Brasília trouxe alguma independência econômica e isto é fator de progresso. 21 anos depois de sua inauguração, já se pode julgar os reais benefícios trazidos para o Planalto Central e Estados vizinhos».

Senador Gabriel Hermes: «Fui favorável à mudança da capital. A construção da nova capital federal trouxe o progresso para esta região e Brasília é uma cidade que oferece comodidade aos habitantes e trouxe para cá mais vida. A região cresce levando progresso aos Estados próximos».

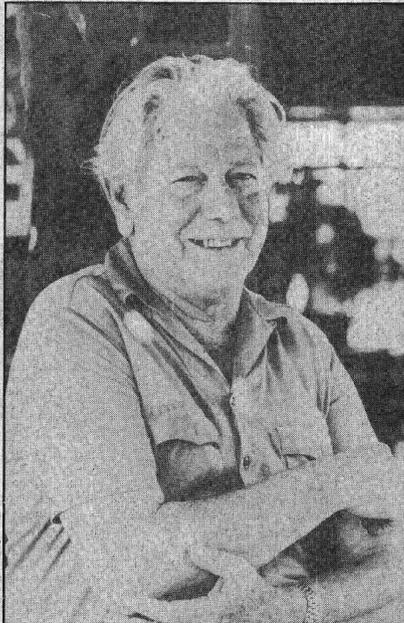
Deputado Geraldo Guedes: «No período da transferência da capital meu voto foi a favor, porque o Brasil precisava de integração nacional. E Brasília provocaria, como aconteceu e está acontecendo imenso desenvolvimento na região central do país e Estados vizinhos. Como deputado do Partido Liberal, participei de todos os debates para criação de Brasília e hoje estou convicto que meu voto não poderia ser outro».

Deputado Djalma Marinho: «Votei pela mudança da capital, apesar de pertencer ao partido opositor ao do presidente JK, a UDN. Fiz isso porque era necessário maior integração do Brasil e porque o Rio de Janeiro já não mais oferecia condições de espaço e até de segurança nacional para ser a sede do poder. Votei convicto de que estava agindo certo e Brasília é isso que hoje todos vemos».

E muito fácil ser hoje a favor de Brasília, mesmo porque a realidade ultrapassou o ceticismo.

Mas há um detalhe importante, que se perde nos desvios da memória nacional; havia neste país uma democracia liberal em que o presidente da República, dispondo de reduzidos poderes, era compelido a buscar a negociação como único recurso para implantar seu projeto de governo.

Liberdade: O deputado Ulysses Guimarães, à época no PSD, lembra deste tempo. Ele era o presidente da Câmara. «O presidente Juscelino havia conversado comigo previamente e eu me empolguei pela ideia. Quero crer que pelos poderes que dispõe o presidente da Câmara eu tenha colaborado bastante no sentido de que a capital fosse transferida para Brasília. Se não fosse esta participação do Legislativo é claro que isto seria impossível. «Nada era feito por decreto-lei nem por imposição de cima para baixo», lembra Ulysses Guimarães. «O assunto provocou um grande debate. Mas se houve uma decisão, depois da controvérsia, é evidente que o assunto foi aceito por toda a



Pereira: morando no jipe

Nação. Não foi uma decisão de gabinete. A repercussão na opinião pública no próprio Rio de Janeiro era favorável a esta obra. O Congresso estava traduzindo uma aspiração nacional e não só um capricho do presidente da República. Quero ressaltar que vivíamos uma plenitude democrática, havia liberdade que era utilizada até para difamar o presidente da República, como nós todos sabemos. O Congresso funcionava livremente e nós tínhamos a maior autonomia dentro das nossas funções. Foi uma obra que associei o Executivo e o Legislativo. Mas o pioneiro, não há dúvida, o grande dinamizador, a figura excepcional deste estadista, a ele bastaria só a obra de Brasília, foi o presidente Juscelino Kubitschek».

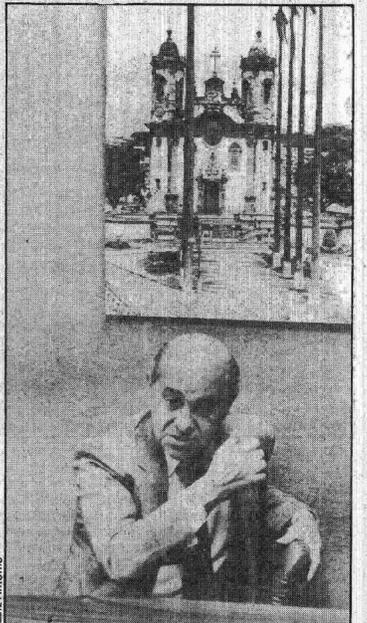
O depoimento emocionado do atual presidente do PMDB suscita outras recordações. O deputado Milton Brandão que à época fazia parte da Comissão de Orçamento lembra de JK com ternura e respeito. «E uma figura que deve servir de exemplo marcante a nossa geração e devemos seguir os rumos a que traçou como político e cidadão». Ou relatos como do então deputado Lourival Batista que em 59 veio conhecer o local da futura capital. Hospedou-se no Brasília Palace Hotel e em seu primeiro passeio a pé, pelas cercanias do prédio, foi recepcionado por duas cobras respeitáveis. Ele era um udenista favorável a Brasília.

Da mesma maneira, o deputado José Sarney, integrante da UDN, juntava-se a Haroldo de Carvalho, Seixas Dória, Passos Porto, Edilson Távora, defendendo a iniciativa de Juscelino. «Embora fosse vice-líder da oposição, defendia a transferência porque achava que Brasília iria deflagrar um processo de desenvolvimento. Tanto que fui o primeiro deputado a se transferir para Brasília. Vim ainda em dezembro. Fechei o apartamento no Rio e mandei toda a bagagem para cá. Depois foi extremamente difícil encontrar a bagagem».

Getúlio e JK: Tancredo Neves, hoje presidente do Partido Popular, na época um deputado do PSD estreitamente ligado a JK, lembra que também Getúlio Vargas tem algo a ver com Brasília. «Antes que o grande presidente Juscelino Kubitschek assumisse o compromisso de construir Brasília eu já me havia engajado nessa imponente obra. O decreto que fixa a área da construção da nova capital é do governo do presidente Getúlio Vargas. O decreto que determinou essa área foi referendado por mim, como ministro da Justiça de Vargas».

«Meu compromisso com Brasília vem de antes do presidente Juscelino autor desta grande obra que é, sem favor, a obra do século. Colaborei intimamente com Kubitschek para que esta iniciativa se tornasse realidade. Brasília era um reclamo profundo de toda consciência nacional. Orgulho-me de ter pertencido aos quadros do PSD, o partido que trouxe a capital para o Planalto Central».

Depoimentos verdadeiros, emocionados, singelos, tranquilos evidenciam que a transferência da capital do Rio de Janeiro para



Tancredo Neves: favorável à mudança

Brasília foi obra de artesão político. Coisa fina, paciência rara, extrema habilidade e profundo contato com a essência da política brasileira e do caráter nacional. Sem aliar tudo isto, com permanente bom humor, um toque sutil na maneira de falar, JK não teria chegado onde chegou.

Dito assim, no entanto, Brasília parece uma cidade sem adversários. Vale lembrar que Lacerda era o editor da Tribuna da Imprensa, agressivo jornal de oposição carioca. Chegou a publicar foto

Por que sua obra está atrasada, perguntou JK. Ele ouviu as explicações e deu 24 horas de prazo para a solução

imensa na primeira página em que o Congresso Nacional aparecia no meio do mato. Houve, na realidade, uma oposição forte, aguerrida e disposta a bloquear as iniciativas de JK. Aliás a lei que criou a Novacap, empresa encarregada de realizar a mudança, só foi aprovada depois que os udenistas conseguiram de JK a garantia que teriam assento na diretoria daquele organismo. Mas há quem, até hoje, mantenha sua posição contrária a mudança da capital.

O deputado Herbert Levy, na época da UDN, é um deles. «Nos grandes debates que antecederam à criação de Brasília votei contra a mudança da capital, como toda a bancada da UDN o fez. E hoje votaria novamente como naquela época, mantendo minha posição contrária a transferência. Mas também não favoreceria a permanência da capital no Rio. Sob o aspecto de mobilidade, de fácil acesso Brasília é melhor para se trabalhar. Logo ao início de Brasília o que mais me chamou a atenção foi a transformação dos deputados em prebendados domésticos na arrumação e na mudança das residências, em razão da total falta de empregados».

Custo: O senador Saldanha Derzi também foi contra a mudança da capital. «Votei contra a transferência, sobretudo contra a localização aqui no Planalto Central, nesta região. Havia outros lugares onde se poderia tirar maior proveito econômico e social. A construção de Brasília acarretou o começo da inflação brasileira, gastou-se e o retorno até hoje ainda não chegou. Pagamos, até hoje, a construção de Brasília. Fui e sou contra a mudança da capital para Brasília. Veja só: o transporte de todo o material usado na construção foi feito de avião. Já imaginou o custo disso? Um absurdo. Na época eu era da UDN e apenas uns 16 ou 20 deputados votaram contra o projeto. Fui um deles».

Havia um terceiro grupo, que não era contra nem a favor da transferência da capital, era apenas cético. Ernani Sátiro, por exemplo,

«De modo geral ninguém acreditava naquilo. Foi necessário que surgisse um homem corajoso, com visão de estadista, como foi Juscelino e digamos com a isenção de quem sempre foi seu adversário. Foi necessário que aparecesse um homem assim para que Brasília se transformasse numa realidade». Luis Viana Filho também cultivava semelhante ceticismo. «Não acreditava que Brasília fosse construída e como eu muita gente. Senadores, deputados e outras personalidades não acreditavam. Temos que reconhecer que foi uma decisão muito ousada e corajosa do presidente Juscelino».

Se os políticos divergem até hoje, é possível imaginar a que temperatura subiu o debate político provocado por um presidente da República que além de adversário lutava contra os céticos, uma postura tão devastadora, e às vezes mais, do que a de uma oposição aberta. Há um reconhecimento geral, genérico, sentimental de que um JK obsessivo, tenaz, algo visionário, às vezes insensato, amigo e bom político foi, ele sozinho, o responsável por tudo isto. Tancredo Neves conta história interessante. «Presenciei a instalação e inauguração do Catetinho. Lá assisti ao primeiro debate sobre uma planta colocada em cima da mesa entre Israel Pinheiro, Juscelino e Niemeyer. Eles discutiam dentro do Catetinho, embaixo de um temporal violento, como seria o Congresso, o Supremo Tribunal, a Catedral. A impressão que tive foi a de um debate entre homens armados de espírito de luta, e muita vontade de trabalhar. Foi ali, sob a luz de um lampejo, o verdadeiro início de Brasília».

Nada do que aconteceu entre a derrubada da primeira árvore em outubro de 1957 e 21 de abril de 1960 é claro, nítido ou objetivo como gostaríamos que fosse os racionalistas. No Brasil foi assim, aconteceu uma saga diferente, percorrida pelos caminhos do sentimento, da esperteza, do malandro por necessidade. Tudo isto teve o tempero da religião, o condimento das previsões místicas, metafísicas, os sinis da antevisão, da possibilidade de prever antes o que acontecia depois. Brasília, na verdade, não tem uma explicação. Tem uma história, bonita história, tão ilógica e pouco razoável quanto a decisão de plantar no meio de cerrado deserto uma imponente capital.

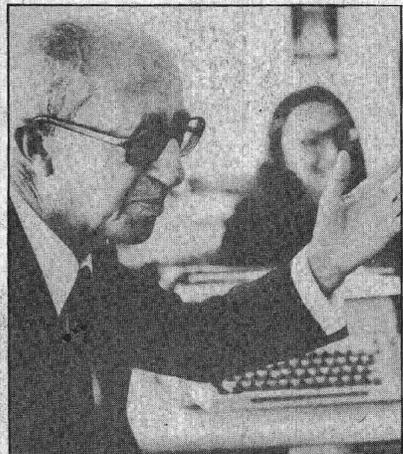
Deu certo. A cidade existe e a capital funciona. Talvez seja a melhor resposta para quem foi contra sua construção. O simples pode ser o sofisticado. Quem sabe se tudo isto não decorreu apenas da vontade de JK de construir aqui uma cidade? Vai ver até que ele só estava pensando na sua reeleição em 1965? Quem sabe? Tudo isto são hipóteses, porque a grandeza da obra, sua consequência na integração do país, no desenvolvimento do Centro-Oeste e no surgimento de outro Brasil, transcendente, e de muito, qualquer ideia restritiva que se aplique à realidade. A realidade, desta feita, fantástica e imaginosa, vadia e delirante, foi muito além das abstrações, ultrapassou a teoria dos políticos da época.



Levy: até hoje contra Brasília



Gonçalves: escolheu o Planalto



Marinho: udenista a favor da nova capital



Viana Filho: cético quanto a mudança